

Dezesseis dias no abismo

EMILY E PER OLA D'AULAIRE

ELE percebeu tarde demais o que estava acontecendo. Pouco antes, os faróis de seu carro atravessavam a luz do crepúsculo, ao longo de uma estrada que serpenteava pela montanha; no minuto seguinte, tudo veio abaixo. O carro guinou para a direita, foi de encontro a uma depressão na estreita estrada de cascalho e ficou sem direção. Poucas dezenas de metros além, os acostamentos, com as chuvas, haviam ruído encosta abaixo cavando um barranco acentuado. Sentia agora o automóvel aos trambolhões, ouvia o fragor do metal amassando, sentia-se ele próprio atirado pelos ares como uma boneca de trapo.

Quando o carro parou, viu que estava deitado de barriga para baixo, sobre a parte interior da capota, no fundo do barranco. Passou as mãos pelo corpo. Tudo parecia normal – apenas uns cortes e arranhões. Olhou para o relógio: eram oito horas da noite.

Tentou libertar-se, mas algo o impedia. Torcendo-se para trás, viu, na quase escuridão, que um pedaço de raiz, de cerca de meio



metro, que se projetava da base de uma árvore caída, com talvez 15cm de diâmetro, tinha atravessado o pára-brisa e prendia-lhe o peito do pé esquerdo contra o pára-lama com tanta força como se ele tivesse caído numa armadilha para ursos. Teve a presença de espírito de desligar a ignição, fazendo diminuir o risco de incendiar o carro, mas, depois, em pânico crescente, começou a sacudir e a puxar a perna. Passou assim a maior parte da noite, até que a dor se tornou insuportável, fazendo-o perder as forças. Exausto, tateou, procurando o saco de dormir, estendeu-o sobre si e, entorpecido pela dor, cochilou um pouco. *Amanhã, pensou, alguém me encontrará.*

O ACIDENTE OCORREU na noite de 11 de setembro de 1976. Apenas quatro dias antes, John Vihtelic tinha chegado a Portland, Oregon, vindo de sua casa em Whitehall, Michigan, para um curso de dez dias na firma Drake-Willock Systems, fabricante de aparelhos de diálise renal. Em seu novo trabalho, iria utilizar os conhecimentos que tinha adquirido no corpo médico dos Boinas Verdes do exército norte-americano, e, como civil, trabalhando no Hospital St. Mary, em Grand Rapids. Planejava estabelecer uma área de assistência técnica da companhia, na Filadélfia, e também casar com Mary Fahner, professora de Whitehall, a quem conhecia desde a infância.

Com 28 anos, vigoroso, cabelos pretos, bigode grande e olhos azuis

muito vivos, John, no dia anterior, tinha levado de Portland um carro da companhia, e dirigira-se para o norte, a fim de explorar o Parque Nacional do Monte Rainier, na parte sul do estado de Washington. Passou a maior parte de sábado nas encostas do monte Rainier, cobertas de neve, subindo a uma altitude de 2.700m, até o mau tempo obrigá-lo a desistir. Foi ao cair da tarde que chegou de novo ao carro. Restavam ainda algumas horas de claridade, de modo que decidiu seguir nessa mesma tarde para o monte Hood, a uns 250km ao sul.

Ele não sabia que a estrada escolhida, através da montanhosa Floresta Nacional Gifford Pinchot, era uma das mais perigosas da região das montanhas Cascade. Já rumo ao sul, foi forçado a ir por uma estrada ruim, de cascalho, de uma só pista, aberta a custo nas encostas da montanha. Após duas horas, guiando em más condições, deve ter adormecido. Uma fração de segundo depois, ele bateu no buraco e despencou na escuridão.

QUANDO John acordou, naquela primeira manhã de domingo, compreendeu que tinha muita sorte em estar vivo. O carro havia ficado amassado como uma lata velha de conservas, com a capota despedaçada, em alguns pontos até abaixo do nível das janelas. Ele dispunha, no máximo, de meio metro de espaço vertical para se mover. Seu acesso ao mundo exterior era uma nesga aberta através da janela do

lado do motorista, toda amassada. Só conseguia atingir essa nesga torcendo-se penosamente sobre a perna presa. Lá fora, um riacho de água límpida ressoava através da estreita garganta e, do outro lado, levantava-se para a estrada uma rampa escarpada. Olhando através das árvores, podia avistar o declive por onde caíra.

No começo dessa manhã, viu um carro passar e ficou convencido de que havia sido descoberto. Não podia saber que estava praticamente invisível. Seu carro havia caído quase 50m pela ribanceira de 60 graus de inclinação e jazia colado à base da montanha. De rodas para cima, confundia-se com a lama da encosta e as pedras cinzentas do leito do riacho.

Na manhã de segunda-feira, quando John faltou ao trabalho, Steve Evarts, seu chefe na Drake-Willock, ficou preocupado. Ele sabia que a região do monte Rainier tem fama de perigosa. Telefonou para os guardas-florestais, descreveu-lhes o carro de John e pediu-lhes que fizessem uma busca no parque. Dentro de poucas horas, haviam sido percorridos uns 180km de estradas no parque, e examinados barrancos e despenhadeiros. O chefe dos guardas informou a Evarts: «Esse carro não está no parque.»

À MEDIDA que dezenas de carros passavam sem parar, John Vihtelic começou a compreender que poderiam decorrer alguns dias antes que alguém o encontrasse. Tudo quanto

achou no carro para comer foi uma maçã, mas não estava preocupado quanto à alimentação. Com mais de 1,80m de altura e 86kg, podia subsistir muitos dias com suas reservas de gordura e músculos. Precisava era de água. Milhares de litros por minuto estavam correndo a menos de quatro metros do carro.

Peça por peça, John começou a desmontar o interior do carro. Primeiro, improvisou um «caniço» de pesca, arrancando as tiras metálicas que sustinham a forração interna do teto. Depois, reuniu pedaços de fios elétricos arrancados dos painéis das portas e da capota, mais o cordão do saco de dormir e fios de náilon da sua raquete de tênis. Amarrou uma extremidade dessa linha ao «caniço» e a outra em volta de uma camiseta. Lançando a linha pela janela do lado do motorista, jogou a camiseta no riacho, deixou-a ensopar, puxou-a de novo para o carro e espremeu a água na boca. Foi preciso repetir isso várias vezes para conseguir um copo de água – e, com frequência, não chegava lá, pois as linhas prendiam-se nas raízes ao longo do regato ou os fios da raquete emaranhavam-se e quebravam. No entanto, agora tinha certeza que não morreria de sede.

Durante seus primeiros dias no despenhadeiro, John preocupou-se muito com a raiz que lhe prendia o pé, batendo nela com uma chave inglesa, tentando dobrar e quebrar as fibras da madeira. Esse trabalho, porém, era longo e penoso. Muitas vezes, seus golpes desesperados ba-

tiam em seu tornozelo, em vez de na raiz. Lembrou-se do que lhe tinham ensinado no Exército: *Se você for feito prisioneiro, é seu dever pensar sempre na maneira de fugir.* As palavras ressoavam-lhe aos ouvidos. Balançava o corpo para trás e para frente, na esperança de fazer soltar o carro da raiz. Tentou furar o pneu sobresselente para alcançar o macaco por trás dele, pois pretendia usá-lo para desprender o automóvel da raiz, mas nada disso deu resultado.

Seguia uma estrita rotina diária. Todas as manhãs, «pescava» água, bebia-a, passava um pano úmido pelo rosto e penteava o cabelo. Entre os «períodos de trabalho», dormitava duas a três horas, de dia e de noite. Registrava suas atividades, anotando meticulosamente a hora e o dia em que acordava, quando bebia, o que pensava. Sabia que era importante manter o espírito ocupado, se quisesse conservar o ânimo. As horas mais duras eram à noite, quando ficava escuro demais para trabalhar e ele não conseguia dormir. Continuava no carro frio, e rezava. *Meu Deus, suplico-vos, tirai-me daqui. Quero ver minha família.*

Na quarta-feira, 15 de setembro, Frank, irmão mais velho de John, que tinha ido de avião de Detroit a Portland, pôs-se à procura da pista de seu irmão. Na cidade de Ashford, a poucos quilômetros a oeste da entrada do parque, a dona de um bar disse que lhe parecia ter visto, na manhã do sábado anterior, um homem que correspondia à

descrição de John, e que ele tinha perguntado o caminho para Portland. Verificou-se, no entanto, que se tratava de outra pessoa. John nunca havia estado naquele bar. Isto, no entanto, iria dar lugar a uma busca inútil a oeste do monte Rainier, em vez de procurarem ao sul.

NA SEXTA-FEIRA, John, com o moral já abatido, reanimou-se. Aproximava-se o fim de semana. As famílias iriam dar um passeio ou fazer um piquenique. Prendeu com fita colante o espelho retrovisor na raquete de tênis. O sol nunca batia diretamente no carro, mas, durante duas horas e meia, em tardes limpas, chegava suficientemente perto para que John o alcançasse com a raquete estendida. Faria um sinal, quando os carros passassem. Tinha esperança de ser descoberto.

O sábado amanheceu claro, e o tráfego aumentou. Pelo menos 60 carros passaram nesse fim de semana, e John dirigiu os reflexos de seu espelho para dezenas deles. Um automóvel parou lá em cima, do lado oposto do barranco. John ficou convencido de que o tinham visto. Gritou e bateu na lataria do carro com a chave inglesa, mas, poucos minutos depois, o outro foi-se embora. Na tarde de domingo, John estava enfurecido e desanimado. Haviám passado oito dias. *Eu vejo os carros, pensava ele. Por que as pessoas que vão neles não me vêem?*

Dois outros irmãos se tinham agora juntado a Frank; eram Larry, de 33 anos,

piloto de aviões, e Joe, de 25, engenheiro. Três dos amigos de John em Whitehall, inclusive Tom, irmão de Mary, também haviam ido de avião para tomar parte na busca de Vihtelic. Alugaram três carros e dividiram-se em grupos, com um homem guiando e o outro montado no pára-choques, para observar bem os barrancos e ribanceiras. Sempre que encontravam uma estrada de duas pistas, seguiam-na até o fim. Nos postos de gasolina, motéis, bares e restaurantes, distribuíram folhas com a descrição de John. Conseguiram que os jornais publicassem a história do desaparecimento de John, assim como sua fotografia. Foram às delegacias de polícia. «Temos mais de cem pessoas desaparecidas», disse-lhes francamente um detetive. «Se ele realmente está por aqui, tem de se ajudar a si mesmo.»

NA SEGUNDA semana, John, dentro do carro destruído, começou a sentir que as noites estavam esfriando. A 1.200m, as temperaturas de setembro podem descer a zero durante a noite. Tornou-se angustiante para ele a idéia de que sua hora estava chegando ao fim. *Mais um fim de semana*, pensou ele. *Se não me encontrarem até lá, nunca mais serei encontrado.*

De quarta a sexta-feira, passaram caminhões basculantes num movimento quase contínuo. John lançava reflexos com seu espelho, até ficar com o braço doendo e o sol desaparecer de sua estreita faixa. Quando contou cem veículos num dia, soube que ninguém o veria; tinha de sair dali por si próprio.

No segundo sábado, com as esperanças e o dinheiro acabando, Joe Vihtelic e Tom, irmão de Mary Fahner, distribuíram panfletos na zona do monte Hood e voltaram depois em direção ao monte Rainier, para uma derradeira tentativa. A fim de ganharem tempo, atravessaram a montanha, em sentido contrário, pela mesma estrada por onde John passara duas semanas antes. Cerca das sete da noite, Tom diminuiu a velocidade ao chegar a umas curvas perigosas, bastante fechadas, e depois acelerou, para subir a encosta do outro lado. A menos de 50m dali, John ouvia mais um carro passar.

No 15.º dia, John, em desespero, pôs-se de novo a olhar com atenção para a raiz — ou ela ou seu pé tinham de ceder. É claro que bater com a chave inglesa não iria dar resultado. As fibras eram elásticas, voltariam de novo ao seu lugar, e as pancadas em falso tornavam-se demasiado dolorosas. Ele precisava de outra ferramenta.

Abriu sua pequena maleta de couro e atirou-a em direção ao leito do riacho. Depois, transformando uma tira metálica numa espécie de cajado de pastor, começou a encher a maleta de pedras, puxando-as lentamente — mas elas caíam a centímetros da beira.

Finalmente, ao anoitecer, conseguiu colocar na maleta uma pedra do tamanho de uma laranja grande. Passando o gancho do cajado através das alças da mala, puxou com cuidado aquele tesouro para dentro do carro. Como um escultor traba-

lhando com cinzel e maço, colocou a ponta da chave sobre a raiz e bateu-lhe com a pedra. Pela primeira vez, sentiu o ferro cortar as fibras da madeira. Sabia agora que era uma questão de horas, até se libertar. No entanto, já estava escuro e ele sentia-se exausto; precisava repousar.

Quando a primeira luz da alvorada, ainda tênue, atingiu o local, John estava pronto para o trabalho. Seu pé havia ficado preso no pára-lama durante 16 dias. Agora, à medida que ia cortando as fibras e retirava pedaços da raiz, o sangue circulava de novo pelas partes do pé ainda não entorpecidas. Gemia de dor, pois era como se ferros quentes lhe penetrassem na carne. Três horas depois, quando os últimos pedaços de madeira cederam, arrastou-se através da janela, ergueu os braços ao céu, e gritou: «Estou livre!»

Quebrou um galho de uma árvore, para usá-lo como muleta, e começou a difícil subida pela ribanceira. Eram quase 50m arrastando o pé ferido. Cerca de uma hora depois, atingiu o topo, estendeu-se na beira da estrada e voltou seu rosto pálido

e barbado para o calor e a luz. Era a primeira vez, em 16 dias, que sentia o calor do sol.

JOHN VIHTELIC foi encontrado pelo motorista de um caminhão basculante e levado numa ambulância para Portland, onde os médicos consideraram seu estado excelente. Havia perdido mais de 11kg, mas, fora isso, achava-se em boa saúde. Contudo, como a circulação do pé ficara tanto tempo interrompida, grande parte do tecido necrosou. O pé teve de ser amputado logo acima do tornozelo.

Após três semanas de internamento, John teve alta. Hoje, com um pé artificial, que funciona quase como o verdadeiro, os médicos acham que não há nenhuma razão para que ele não possa retomar suas atividades favoritas: andar de bicicleta, esqui e patinar. John trabalha com afinco como representante de sua companhia na Filadélfia. Ele e Mary Fahner tencionam casar brevemente.

Para John Vihtelic, a longa provação acabou.



O MENOR livro do mundo, *O Corsário*, está no Museu Politécnico de Moscou. Esta minúscula antologia de trabalhos de Taras Shevchenko, poeta ucraniano, tem 12 páginas e uma capa de 0,6mm de lado. Contém quatro poemas que só podem ser lidos com microscópio. Cada letra tem 0,0035mm de altura. A capa é uma folha de roseira e o livro foi encadernado com fios de teias de aranha. A miniatura foi realizada por Nikolai Sergeyevich Syardristy, engenheiro de Kiev, que fez, ele próprio, todas as ferramentas utilizadas na confecção do livro.